

APONTAMENTOS SOBRE RAÇA E ETNIA NO PERIÓDICO *A ALVORADA* - PELOTAS, 1934-1935.

ÂNGELA PEREIRA OLIVEIRA¹;
BEATRIZ ANA LONER²

¹Universidade Federal de Pelotas – angelapoliveira2@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bialoner@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Uma das primeiras obras, no Brasil, que estuda o negro, utilizando-se dos jornais como fonte, é a de Gilberto Freyre, *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Através de anúncios de jornais comerciais Freyre consegue mostrar as péssimas condições de saúde, o excesso de trabalho e os maus tratos a que estavam condicionados estes indivíduos.

Posteriormente, no contexto do pós-abolição, a imprensa de circulação diária continuava indiferente em muitos dos seus debates no que se refere às condições sociais na qual se encontrava a população liberta e seus descendentes.

Dentro desse contexto de invisibilidade, no Brasil, começa a circular a chamada imprensa negra. A respeito dela BASTIDE relata que “nasceu do sentimento de que o preto não é tratado em pé de igualdade com o branco; sua primeira tarefa será, pois, ser um órgão de protesto” (1983, p.134). Ainda sobre ela informa DOMINGUES “jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões” (2007, p.104). O autor também aponta, com base em José Correia Leite, sobre a “necessidade de uma imprensa alternativa”, que transmitisse “informações que não se obtinha em outra parte” (2007, p.104).

Mesmo iniciada no final do século XIX, é no século XX que a imprensa negra atinge seu auge. Sendo editada em diferentes cidades, principalmente, naquelas que contavam com expressividade numérica de descendentes de africanos. Havia um caráter de homogeneidade na defesa da gente negra e, na forma como essa imprensa se apresentava, com denúncias e reivindicações. No entanto, ela era cheia de especificidades, sobretudo, nos seus posicionamentos políticos.

Muitas pesquisas já foram feitas com o uso dessas fontes, nos mais diferentes vieses¹. Ainda assim, a imprensa negra no estado do Rio Grande do Sul continua apresentando muitas possibilidades de estudo a respeito do protagonismo do negro na história sulina. Sem mencionar que é uma preciosa fonte que possibilita entender muitas questões sociais a que estavam condicionados estes sujeitos.

No caso desta pesquisa, a fonte utilizada, o periódico *A Alvorada*, começou a circular na cidade de Pelotas, no ano de 1907, tendo mantido a sua circulação até 1965. Porém, nesse longo período, algumas interrupções ocorreram, não sendo constante sua circulação do primeiro ao último número. Esse fato se deve principalmente a problemas financeiros pelo qual enfrentava a folha, somada a inadimplência de assinantes.

¹A imprensa negra se desenvolveu em muitas cidades do país. Atualmente, muitas pesquisas nos permitem conhecer um pouco mais a respeito da produção desses periódicos. No entanto, nenhuma imprensa negra foi tão trabalhada como a que circulou na cidade de São Paulo. Isso se deve em parte a expressividade de periódicos desse gênero que lá circularam. Essa imprensa tem sido utilizada em pesquisas não apenas na área de história, como também, por exemplo, nas áreas de artes, de letras e de comunicação, entre outras.

O uso dessa fonte proporciona que alguns apontamentos sobre como os negros pensavam e as posturas que defendiam na referida cidade, sejam feitos. O objetivo buscado é estabelecer um diálogo com as colocações feitas no jornal a respeito do uso da terminologia “raça” e do termo etnia. Ou seja, entender e problematizar as apropriações que são feitas pelos articulistas do semanário e os usos que faziam desses termos, referindo em que situação e de que forma.

Segundo HOFBAUER, “alguns cientistas começaram, a partir da década de 1930, a reivindicar o abandono do conceito de raça” (2006, p.217). Isso se deve ao fato de que o termo “raça”, uma expressão que contém um forte sentido biológico, muito utilizado durante o século XIX, faz parte de um discurso político autoritário e abusivo que levou a formação do racismo.

No entanto, o uso do termo se faz frequentemente pelo *A Alvorada* tendo em vista ser uma “categoria possível de auto-identificação” (GUIMARÃES, 2002, p.49). GUIMARÃES coloca que o termo também é usado como forma de “agrupar os descendentes africanos” (2003, p.253).

Neste momento, os negros se articulavam na construção de “certa identidade social a partir de vocábulos, conceitos e ideias legados do passado” (GUIMARÃES, 2003, p.251) o que justifica o emprego do termo “raça”. Enfim, é sobre a utilização deste que a pesquisa se debruça, dialogando constantemente com a fonte.

2. METODOLOGIA

Primeiramente foi localizada a fonte, no acervo do centro de documentação e obras raras da Biblioteca Pública Municipal de Pelotas. Logo, se passou a consultar o jornal fazendo uma leitura de todas as matérias que continham a palavra raça ou etnia, seja no título ou no corpo do texto. Algumas dessas matérias foram apenas destacadas na composição de uma análise quantitativa frente à aparição de tais termos no semanário.

Nesse sentido, se optou por abordar os anos de 1934 e 1935 e, não todo o período de circulação do jornal. Pois, este recorte cronológico foi entendido como sendo o mais interessante para a pesquisa, pelas colocações contidas no *A Alvorada*.

Após uma leitura do jornal, foram transcritos todos os trechos encontrados nessa folha que faziam referência ou usavam o termo “raça” ou etnia nas suas críticas. A transcrição do texto foi imprescindível para que se pudesse fazer alguns apontamentos no que se refere aos articulistas que escreviam sobre o assunto e, a forma como eles dialogavam com os seus leitores, fazendo, por vezes, algumas comparações entre as inferências.

Segundo CAPELATO o que contém na imprensa “é fruto de determinadas práticas sociais de uma época” (1988, p.24), sendo a imprensa um instrumento de intervenção social. Ainda, em defesa do uso desse material como fonte a autora usa-se de Wilhelm Bauer para colocar o jornal como “uma verdadeira mina de conhecimento” (1988, p.21).

No entanto, ressalta ESPIG (1998, p.274) sobre a necessidade de uma “leitura mais competente, através da qual se possa desvendar cuidadosamente o que é importante” quando se utiliza o jornal como fonte. Sendo um processo pelo qual se buscou efetivamente durante a realização da pesquisa.

O uso do termo “raça” nas colocações do jornal foi confrontado com alguns autores que discutem a respeito do termo e seu uso. Entre eles HALL (2014), GUIMARÃES (2002) e GILROY (2007). Possibilitando um entendimento sobre as

formas como o conceito teve seu emprego na história e a polêmica que permeia a sua utilização. Já no âmbito local, a partir desse estudo, nos é permitido conhecer a construção feita e as apropriações sobre a etnia negra.

Além disso, essa pesquisa é influenciada por diferentes leituras que permeiam a história social como forma de abordagem, assim como, pela historiografia que trata da imprensa, mais especificamente, da imprensa negra. Contribuindo para o conhecimento nessa área.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa foram transcritos todos os textos que, de alguma forma, dialogavam com a população negra. Para isso utilizavam-se do termo raça ou etnia, principalmente com efeito de causar uma homogeneidade. Isto é, proporcionando uma identificação a esses sujeitos.

Verificou-se que o uso de “raça” costuma aparecer sozinha, isto é, como se a palavra “raça” já tivesse “negra” subentendido junto a ela. Diferente do que acontece com a utilização de etnia, que normalmente aparece escrita como “etnia negra”.

É comum encontrar etnia e raça num diálogo constante pela valorização da gente negra. Muitos dos nomes que lhes são atribuídos, dentro dessa construção social que diferencia o que é ser branco do que é ser negro, são incorporados por eles. Por exemplo, um articulista que sempre escreve para positivar e demonstrar o valor da raça negra assina pelo pseudônimo de Crioulo.

Sendo esse um dos conceitos a serem explorados pela dissertação da autora, se julgou pertinente fazer um acompanhamento do uso do termo tanto na historiografia, como pelas apropriações e colocações que estes intelectuais apresentam no semanário. Logo, foi possível observar que posicionamentos políticos esse grupo defendia.

4. CONCLUSÕES

Inicialmente se pode auferir que o uso de raça, tem um intuito de proporcionar uma identificação que fica bastante clara na leitura do jornal. O seu uso serve de alerta para que os negros se sintam pertencentes a um mesmo grupo. Mesmo que o termo tenha um sentido biológico proveniente de um cientificismo que inferiorizava os africanos e seus descendentes, com o uso do jornal e do termo, eles se aproveitam para fazer um processo inverso, ou seja, valorizar o que era tido por raça negra.

O uso do termo se faz dentro de um discurso que aponta para características físicas não tão específicas, como a cor da pele e, não tanto, para práticas sociais afros. Sendo predominante o diálogo com aqueles que apresentam algum fenótipo considerado de origem afro, a fim de que se reconheça como pertencente a essa raça. São corriqueiras as críticas a pessoas de pele mais escura que renegam a sua identificação enquanto negras.

Notou-se que eles apresentavam-se como antirracistas uma vez que denunciavam as práticas de racismo, não apenas em nível local, como também em nível mundial. Porém, não são antirracistas, fazendo uso constantemente do termo raça como uma categoria discursiva abrangente que os colocava como integrantes de um mesmo grupo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE, R.. A imprensa negra do Estado de São Paulo. **Estudos Afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, pp.129-156, 1983. Acesso em dezembro de 2013. Disponível em:

http://moodle.stoa.usp.br/file.php/1416/A_imprensa_negra_no_Estado_de_Sao_Paulo.pdf

CAPELATO, M. H. R.. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

DOMINGUES, P.. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo** [online]. v.12, n.23, pp.100-122, 2007. Acesso em março de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 24, n. 2, 1998.

FREYRE, G.. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Global Editora, 2010.

GILROY, P.. **Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

GUIMARÃES, A. S. A.. **Classes, raça e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo, 2002.

_____. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950. **Afro-Ásia**. Universidade Federal da Bahia. n.30, pp.247-269, 2003. Acesso em março de 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/770/77003007.pdf>

HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOFBAUER, A.. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.